

The background of the cover is a photograph of a stone tower, likely a castle or church tower, built on a rocky hillside. The tower is made of dark, rectangular stones and has a crenellated top. In the foreground, there are large, dark rocks and patches of green grass. The sky is a clear, bright blue. The branches of a tree with white cherry blossoms are visible in the upper left and right corners, framing the scene. The title 'CÔ A VISÃO' is written in large, bold, blue letters with a white outline, positioned at the top of the image. Below the title, the subtitle 'CULTURA E CIÊNCIA' is written in smaller, bold, blue letters with a white outline. Below the subtitle, the issue information 'Nº 4 - ANO DE 2002' is written in a smaller, blue font. At the bottom of the cover, the text 'EDICÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA' is written in white, bold, uppercase letters.

# CÔ A VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 4 - ANO DE 2002

EDICÃO DA  
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

# Lagares e Lagaretas nas Áreas de Freixo de Numão e Murça do Douro (Concelho de Vila Nova de Foz Côa)

---

ANTÓNIO DO NASCIMENTO SÁ COIXÃO <sup>1</sup>

---

O cultivo da vinha, a produção de vinho e, naturalmente, em parte, o seu consumo são realidades localizadas do ponto de vista geográfico e económico no mundo rural, muito embora o vinho adquira uma maior visibilidade no quotidiano dos aglomerados urbanos romanos, considerando a forte presença na economia, na cultura, no imaginário e, até, na religiosidade Latina, materializada numa importância primordial nos hábitos alimentares <sup>2</sup>.

Muitas vezes, historiadores contemporâneos citam a introdução do cultivo da vinha no actual território Português na época de dominação romana. No entanto, em algumas áreas do nosso território, segundo se pode depreender da leitura dos textos de autores clássicos, o cultivo da vinha existia já na época pré-romana.

No caso específico da área de Freixo de Numão, estudos antracológicos de carvões exumados nas escavações arqueológicas do Castelo Velho, de entre as diversas espécies arbustivas que ali figuram regista-se a “vide branca”, sinal de que em tempos recuados (Calcolítico ou Idade do Bronze) a videira era já uma das espécies autóctones na flora local.

Muitos historiadores e arqueólogos, interpretando a cultura da vinha e a produção de vinho na região do Douro têm concluído (penso que precipitadamente) que na época romana, ao contrário de hoje, o precioso líquido tão bem simbolizado na mitologia grega por Dionísio ou na romana pelo deus Baco, seriam praticamente inexistentes. Baseiam-se, alguns deles, no facto da rara presença, em terras do Douro, de lagares e lagaretas que nos atestem a produção de vinho!

Os trabalhos arqueológicos estão hoje em crescendo um pouco por todo o País. Nas zonas mais bem prospectadas ou intervencionadas, manchas de vestígios pré-históricos ou romanos vêm sendo alargadas e completadas. As conclusões (sem serem definitivas) vão-se suportando cientificamente. Torna-se necessário, numa região ou zona específica, uma acção contínua de prospecção, registo, inventariação, sondagens ou mesmo campanhas de escavação.

Se na região do Douro são raros os casos de registo de lagares ou lagaretas, na área ou termo da vila de Freixo de Numão (onde se inclui parte do termo da freguesia de Murça do Douro) encontram-se já registados (na área rural, não incluindo portanto a área urbana dessas duas localidades) 18 sítios com esse tipo de vestígios.

Se repararmos no mapa que se anexa a este trabalho (extraído da Carta Militar n.º 140 – escala 1:25.000), quase todos esses vestígios se concentram em vales localizados a norte da vila de Freixo de Numão. Apenas 2 (ref.ª 17 e 18) se localizam para Este.

Os lagares e lagaretas registados apresentam-nos 3 tipos:

- 1 – Lagaretas móveis, executadas em material de xisto (ref.ª 2 e 16) ou granito (ref.ª 3);
- 2 – Lagaretas fixas, talhadas em rochas graníticas (ref.ª 8, 9, 10, 11, 12, 14);
- 3 – Lagares talhados na rocha granítica (ref.ª 1, 5, 7, 13 e 15).

O registo de pesos de prensa de lagar em alguns sítios (ref.ª 4, 6, 17 e 18) levam-nos a concluir da existência de lagares que ou foram destruídos ou se encontram totalmente cobertos pela terra de erosão, acumulada nos socalcos artificiais construídos há cerca de 2 centenas de anos, para cultivo da vinha!

Apesar de ser já elevado o número de lagares e lagaretas inventariados numa área tão reduzida, esse inventário não se encontrará concluído pois todos os registos foram fruto de informações dos proprietários

---

<sup>1</sup> Licenciado em História, mestre em Arqueologia, Professores do QND do Ensino Secundário.

<sup>2</sup> CARVALHO, António, “evidências arqueológicas da produção de vinho nas villae romanas no território português”, artigo publicado in “Economie et territoire en Lusitanie romaine”, collection de la Casa de Velasquez, vol. N.º 65, Madrid, 1999.

dos terrenos onde se encontram implantados, o que atesta bem da dificuldade de esses registos se efectuarem durante trabalhos de prospecção.

Alguns estudiosos deste tema colocam sempre algumas dificuldades de interpretação quanto ao uso e mesmo à época a que remontam. Neste caso específico, a tipologia de lagares e lagaretas inventariados não deixam dúvidas quanto à sua utilização para fabrico de vinho, apenas se nos colocando algumas dúvidas quanto à “pedra de suporte de prensa de lagar do sítio da Figueira Preta” que poderia muito bem ter feito parte de uma unidade de laboração de azeite. Sobre o período a que esses lagares e lagaretas remontarão, parece não restarem grandes dúvidas sobre a sua construção ainda durante a ocupação romana já que, em todos os sítios, foram registados diversos materiais daquele período.

A composição das lagaretas era extremamente simples, sendo apenas formadas pelo espremedor (turcularium), onde as uvas seriam esmagadas à mão, escorrendo depois o mosto directamente para os “dólia” através do canal colector.

Nos lagares inventariados, apenas no das AMOREIRINHAS (ref.<sup>3</sup> 15) podemos registar os encaixes laterais (dois de cada um dos lados) destinados a suportar, enquadrar e fixar o madeiramento da prensa.

Já nos anos 80 o investigador Adriano Vasco Rodrigues, na sua publicação com o título “TERRAS DA MEDA”, citava:

“Quem terá introduzido a cultura da videira nestas terras? Terão sido ainda os romanos? O aparcimento de lagares, ou lagaretas, cavadas na rocha, em lugares que continuam a ser de exploração agrícola, faz-nos pensar que poderão, em alguns casos, ter origem romana e na maior parte serem medievais (...). Provavelmente os romanos, no período do Baixo Império, já cultivavam o vinho na região da Meda (...). Nas minhas prospecções através da região Longroivense, encontrei mais de quarenta lagares...”<sup>3</sup>

Depois, ainda no mesmo texto, o autor defende a sua inclinação em considerar a maior parte destas lagaretas “obra medieval”, baseando-se no fraccionamento da propriedade rural, incrementada na Idade Média, com leis como a das Sesmarias e protecção ao colono.

No caso de Freixo de Numão e Murça do Douro, se não nos restam dúvidas quanto à origem romana da totalidade dos lagares e lagaretas inventariadas, também nos inclinamos para a sua construção durante o Baixo Império, mais precisamente a partir do século III d. C. Escavações arqueológicas nos sítios do Rumansil I, Colodreira e Zimbro II provaram-nos, através dos numismas e cerâmicas exumadas, ter sido aquela área bastante ocupada nos séculos III e IV d. C. e muito pouco nos séculos anteriores (I e II d. C.). No entanto, há que considerar que a maioria dessas lagaretas e desses lagares continuaram a laborar ao longo da Idade Média se não mesmo nos tempos modernos.

A mesma dúvida se tem colocado quanto à cronologia das vias com calçada (formada por grandes lajes), colocando muitos investigadores largas reticências sobre se serão romanas ou medievais!? No que respeita à via principal que atravessa todo o termo de Freixo de Numão, entre a Ribeira Teja e o rio Douro, está confirmada a sua origem romana mas também não temos qualquer dúvida que foi sempre um itinerário ao longo da Idade Média, da Idade Moderna e mesmo Contemporânea. Pelo menos o troço de via que vai de Freixo de Numão ao rio Douro, foi calcorreado por carros de bois, ainda no século XX, levando as pipas de vinho para serem carregadas nos barcos rabelos.

Tentando-se estabelecer um tampão entre ocupação romana e Idade Média, no caso das vias ou dos lagares e lagaretas torna-se arriscado e de difícil “destrinça”. A ruralidade e hábitos ancestrais destas gentes perduraram séculos, senão milénios, daí a não estranheza da utilização, em tempo tão longo, de estruturas concebidas pelos súbditos do Imperador, recorrendo a mão de obra escrava.

Como era envazilhado o vinho no período de ocupação romana? Numa sondagem efectuada junto à lagareta das Regadas (ref.<sup>3</sup> 10), na zona contígua ao canal colector e num nível inferior, foram registados alguns fragmentos de dolium. Igualmente no sítio romano do Rumansil I, no compartimento que referenciámos como reservado à recolha do mosto e armazenamento de vinho, nota-se, na parede Este da rocha granítica onde se encontra implantado o lagar (turcularium), a existência de três grandes cavidades talhadas a cinzel, que serviriam de encosto às panças dos “dólia”. Durante a escavação, depois de retirados os materiais de construção que ali se depositaram após ruimento, na base dessas concavidades dezenas de fragmentos de “dólia” e tampas de cobertura em xisto confirmaram a sua utilização (vid. Foto 2).

No entanto, estamos em crer que pelo menos a partir do século III d. C. já poderiam ser utilizadas nesta região as pipas em madeira. A exumação, neste compartimento, de um objecto em bronze muito semelhante aos ainda hoje utilizados e que se identificam como “provadeiras”, não comprova mas coloca grandes hipóteses para esse novo tipo (então) de envazilhamento de vinho.

<sup>3</sup> RODRIGUES, Adriano Vasco (1984), “TERRAS DA MEDA – NATUREZA E CULTURA”, pág. 159.

Não há muitos anos (segundo testemunhos de gente mais idosa) quando um agricultor envazilhava o seu vinho em pipas e toneis, guardava sempre algum mosto em talhas de barro (os dólia romanos), sendo esse o primeiro “líquido de Baco” a ser consumido!

Parece também evidente que, pelo menos para exportação, os romanos cobriam ou revestiam o interior dos “dólia” com resina ou pez, com o objectivo de conservar e dar um gosto especial aos vinhos fabricados. Na campanha de escavações do ano 2001, no sítio arqueológico do PRAZO (Freixo de Numão), junto a dois tanques forrados a “opus signinum” foram registados vestígios materiais de um forno em barro, contendo no fundo um bloco de “pez” (hoje exposto no Museu da Casa Grande). Qual a finalidade do fabrico do pez naquela villa Romana ? Não o confirmamos para já, sendo no entanto conveniente rever as centenas senão milhares de fragmentos de dólia ali recolhidos, com o objectivo de neles se poder vir a registar vestígios de revestimento interior com essa matéria (vid. Foto 16).

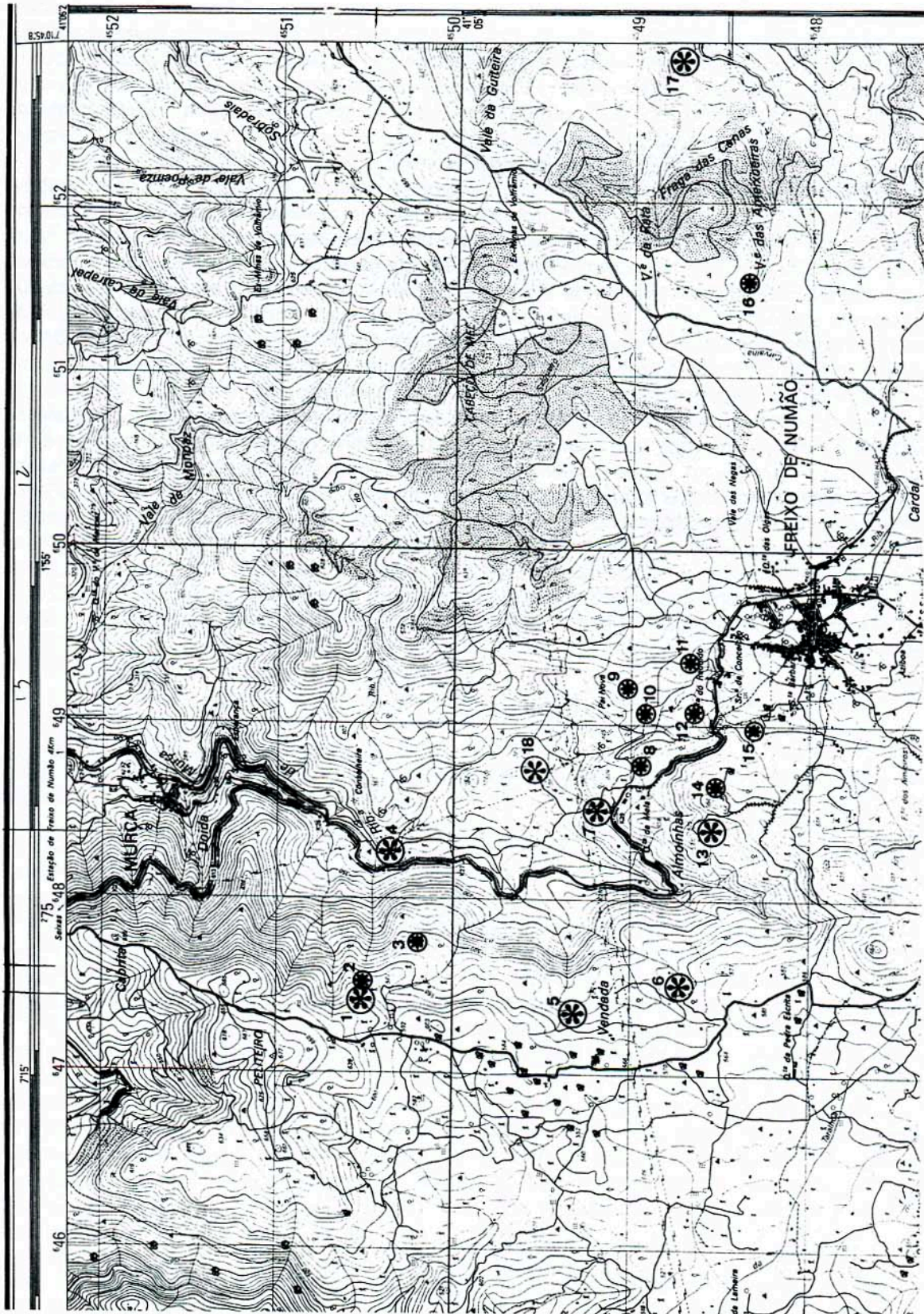
O estudo, registo e inventário destas estruturas ligadas ao “mundo rural romano”, vêm também contribuir para uma reflexão sobre a divisão da propriedade naquele período da nossa história. Se no Alentejo, segundo Jorge Alarcão<sup>4</sup>, uma villa poderia abarcar uma área de cerca de 420 hectares, nesta região do Douro, onde ainda hoje perdura o minifúndio, a área de cada uma das “villae” inventariadas é muito mais reduzida. De notar que o conjunto de lagares e lagaretas inventariados se encontram, na sua maioria, associados a simples casais, onde a actividade agrícola principal seria o cultivo da vinha. Aliás ainda hoje em toda aquela área entre Freixo de Numão e Murça do Douro predomina a citada cultura.

Partindo-se do princípio de que a área urbana da actual vila de Freixo de Numão correspondeu (em parte) a uma civitas romana (provavelmente MEIDOBREGA), não será difícil depreender a existência (na sua envolvência) de inúmeras pequenas parcelas de terreno, onde habitantes de condição modesta se dedicavam exclusivamente à actividade agrícola, essencialmente a partir do século III d. C., após o Édito de Caracala (212 d. C.), em que os novos homens livres e com cidadania poderão ter recebido terras.

Não referimos, neste trabalho, os inúmeros lagares de vinho que ainda há cerca de 40 ou 50 anos existiam espalhados por toda a vila, associados à parte rústica de uma casa de homem rico ou de lavrador abastado, abandonados, aos poucos, após o surgimento da Adega Cooperativa nos finais dos anos cinquenta do século passado. Esse ciclo, contemporâneo, estará por estudar mas não se encontra totalmente branqueado. O trabalho que o meu amigo António Alberto Rodrigues Trabulo insere no número desta Revista CÔAVISÃO, com o título “TRADIÇÃO E MODERNIDADE”, é bem o sintoma de que o tema, já iniciado, irá ter continuidade.

---

<sup>4</sup> ALARCÃO, Jorge d', “NOVA HISTÓRIA DE PORTUGAL”, pág. 419 – Editorial Presença, 1990.



1 – Lagar Romano do RUMANSIL I (Murça do Douro); 2 – Lagareta (em xisto) do RUMANSIL I (Murça do Douro); 3 – Lagareta da COLODREIRA; 4 – Peso de prensa de lagar no sítio das AREIAS (Murça do Douro); 5 – Lagar dos Castros na VENDADA; 6 – Peso de prensa de lagar na VENDADA I; 7 – Resto de Lagar e peso no sítio dos ESCORNA BOIS II; 8 – Lagareta da MELA; 9 – Lagareta da PAINOVA II; 10 – Lagareta das REGADAS; 11 – Lagareta do REDOIDO; 12 – Lagaretas do chão do ATALHO; 13 – Lagares Romanos do LARANJAL I; 14 – Lagareta do CARVALHAL; 15 – Lagar das AMOREIRINHAS; 16 – Lagareta da CARVALHA/AMEIXOIRAS; 17 – Pedra de suporte de prensa de Lagar da FIGUEIRA PRETA; 18 – Peso de prensa de lagar no sítio do ZIMBRO II

# LAGARES E LAGARETAS NAS ÁREAS RURAIS DE FREIXO DE NUMÃO E MURÇA DO DOURO (concelho de Vila Nova de Foz Côa)

## DESCRIÇÃO

### 1. Lagar Romano do RUMANSIL I (Murça do Douro)

Lagar cavado na rocha, de forma rectangular, incluído no conjunto de um dos edifícios do século III d. C. do sítio arqueológico do Rumansil I (vid. Foto 1).

Num plano inferior, no compartimento que identificámos como área de armazenagem de vinhos, a parte da recepção do mosto, na forma de quarto de círculo, tendo para tal sido afeiçoada a rocha e colocadas, na vertical, pedras de granito devidamente preparadas e com ligeira curvatura, tendo as juntas de ligação entre elas vestígios de forro a “opus signinum”. Na base, uma pequena cavidade semi-esférica destinada a recolher (com pequena vasilha de metal ou cerâmica) o último líquido de mosto para ali escorrido (depois da prensagem), prática ainda hoje corrente nesta região do Alto Douro.

O rochedo onde se encontra implantado o lagar foi, na parede Este, devidamente afeiçoado e executadas (a pico de ferro) 3 concavidades destinadas a alojar a pança de dólia (vid. Foto 2). Na base dessas concavidades foram recolhidos fragmentos de dólia bem como tampas de xisto, de forma circular, com orifício central para utilização de utensilagem de suspensão.

Neste compartimento foi recolhido um objecto em bronze, que denominámos de “provadeira”, objecto esse ainda hoje utilizado nas pipas e toneis.

### 2. Lagareta (em xisto) do RUMANSIL I (Murça do Douro)

Lagareta em bloco de xisto (pouco espesso), tendo sido cavado (a ponteiro ou cinzel) um sulco envolvente, que se unia na parte mais estreita, formando um sulco terminal para saída de líquidos (vinho ?), que escorriam para um dolium (vid. Foto 3).

### 3. Lagareta da COLODREIRA

Esta lagareta, localizada a meia encosta entre o Rumansil e a Colodreira, numa zona de afloramentos graníticos, é composta por duas partes : a francela ou espremedouro, em bloco de granito móvel (afeiçoado para o efeito), contendo um sulco envolvente que termina, na parte mais estreita, num único sulco por onde escorria o líquido (vinho) para uma pia (ou pio), este sim cavado na rocha, de formato circular, contendo na base uma pequena cavidade côncava.

Estão associados a esta lagareta materiais romanos como fragmentos de tégula, imbrex e dolium (vid. Foto 4).

### 4. Peso de lagar de prensa no sítio das AREIAS (Murça do Douro)

Um rompimento do terreno para plantio de vinha, há alguns anos, deve ter destruído um lagar de vinho naquele local. Entre imensos vestígios de tégula, imbrex e dólia, foi recolhido um “peso de lagar” em granito, de forma cilíndrica, com encaixes talhados no topo, que serviriam como base de sustentação do fuso (em madeira) que se destinava a controlar a operação de prensagem.

### 5. Lagar dos Castros – VENDADA

No interior de uma casa de campo, encontra-se um lagar de formato quadrangular, de grandes dimensões, cavado na rocha granítica, tendo na parte central da parede Este um sulco por onde escorria o mosto para um compartimento mais pequeno, a uma quota inferior. Também este compartimento, conhecido na região como “pio”, contém uma pequena cavidade côncava para (usando terminologia regional) “rapar o último mosto escorrido”.

Nas imediações são abundantes os vestígios de materiais do período de ocupação romana. Poderá estar associado, este lagar, ao sítio arqueológico que registámos como VENDADA II.

### 6. Peso de lagar de prensa da VENDADA I

No sítio arqueológico da VENDADA I, junto à entrada de uma casa de campo encontra-se um fragmento de furte cilíndrico de coluna bem como um peso de lagar em granito, de formato igualmente

cilíndrico, com encaixes laterais que serviriam como base de sustentação do fuso (em madeira) que se destinava a controlar a operação de prensagem.

Encontram-se associados materiais da época romana, sendo ainda visíveis algumas estruturas destruídas (vid. Foto 5).

## **7. Resto de lagar e peso de prensa no sítio dos ESCORNA BOIS II**

No interior de uma casa de campo encontra-se, já muito destruído, um lagar de vinho cavado na rocha. No exterior, junto à porta, encontra-se um “peso de prensa” em granito, de forma cilíndrica, com encaixes que serviriam como base de sustentação do fuso (em madeira) que se destinava a controlar a operação de prensagem (vid. Foto 6).

## **8. Lagareta da MELA**

No lugar da Mela (Freixo de Numão), em zona de mato, encontra-se um pequeno afloramento granítico no topo do qual foi talhada a cinzel uma pequena lagareta. Contém um sulco rasgado numa das faces por onde escorria o vinho.

Não tendo, na base do afloramento, qualquer cavidade para recepção do mosto, depreende-se que se usaria aqui o ainda hoje denominado sistema de “bica aberta”, sendo o mosto recolhido directamente para um “dolium”. (vid. Foto 7)

## **9. Lagareta da PAINOVA II**

No sítio da PAINOVA, num afloramento granítico, foi talhada a cinzel uma lagareta de formato trapezoidal. Na parede de base mais larga tem, a toda a largura, um rasgo cuja utilidade desconhecemos.

A base do lagar é inclinada. Na parte terminal, um pouco antes do sulco da saída do vinho, tem dois sulcos laterais (tipo comporta) que serviria para aplicar utensílio em madeira tendo como utilidade ou objectivo a “retenção”!

Estão associados materiais romanos como restos de tégula, imbrex ou dólia (vid. Foto 8).

## **10. Lagareta das REGADAS**

Num afloramento granítico, muito perto de uma linha de água (ribeiro do Pontão) foi talhada a cinzel uma lagareta de forma elíptica. A configuração é-nos dada pelo próprio sulco que termina (unido num sulco comum) numa das faces (Oeste) do rochedo. Tem igualmente um sulco vertical em toda a parte central da elipse.

O afloramento no lado oeste (parte terminal da lagareta) foi alisado na vertical. O líquido escorria directamente para uma vasilha. Escavada a terra da base do rochedo foram recolhidos alguns fragmentos de dolium romano! (vid. Foto 9)

## **11. Lagareta do REDOÍDO**

Junto à Quinta do Redoído, já na linha de água (ribeiro da carvalha) encontra-se uma lagareta de formato circular, com sulco envolvente talhado a cinzel. Tal como acontecia na lagareta das Regadas, o vinho escorreria directamente para um dolium (nesta região chamado vulgarmente talha).

## **12. Lagaretas do CHÃO DO ATALHO**

Ainda no lugar do Redoído, numa vinha localizada junto à via romana, encontrámos talhadas em afloramento granítico três concavidades que registámos como podendo tratar-se de lagaretas. Não está posta fora de hipótese a sua utilização múltipla (laboração de vinho e de azeite).

## **13. Lagares romanos do LARANJAL I**

No sítio do Laranjal (Freixo de Numão), num enorme afloramento granítico, encontram-se 3 lagares de vinho talhados na rocha, tendo 2 deles a configuração rectangular e um outro trapezoidal. Encontram-se em posição inclinada. O vinho escorria directamente para grandes compartimentos igualmente talhados na rocha (pias).

Nota-se a intenção de construção (ou talhe) de um quarto lagar que, porventura, se ficou pela intenção, já que não chegou a ser acabado. (vid. Fotos 10 e 11).

Muito perto registam-se inúmeros fragmentos de materiais romanos como tégula, imbrex, dolium.

#### 14. Lagareta do CARVALHAL

No sítio do Carvalhal (Freixo de Numão), a cerca de 500 metros dos lagares do Laranjal, ocorre uma lagareta de forma elipsoidal, cavada em afloramento granítico. O líquido escorreria directamente para um dolium.

Na área, embora tenuamente, registam-se alguns materiais romanos.

#### 15. Lagar das AMOREIRINHAS

Junto à via romana, no lugar das Amoreirinhas (Freixo de Numão) encontra-se talhada em afloramento granítico um lagar de formato rectangular. Na parede do lado Sul encontra-se talhado um sulco que serviria para escorrimento do vinho directamente para um “pio” de formato circular, cavado na rocha.

Nas laterais do lagar encontramos talhados dois encaixes que serviriam para assentamento da estrutura de prensa (em madeira). (vid. Foto 12)

Nas imediações ocorrem materiais romanos.

#### 16. Lagareta da CARVALHA / AMEIXOEIRAS

Em terreno recentemente rompido para plantio de vinha foi registada uma lagareta em xisto, de formato elíptico, tendo talhado em todo o perímetro um sulco que se unia no vértice de elipse. (vid. Foto 13)

Encontra-se actualmente no Museu da Casa Grande (em Freixo de Numão), associada a um dolium romano proveniente do sítio arqueológico do ZIMBRO II (vid. Foto 14).

#### 17. Pedra de suporte de prensa de lagar da FIGUEIRA PRETA

No sítio da Figueira Preta (Freixo de Numão) um rompimento de terreno para plantio de vinha permitiu pôr a descoberto alguns materiais do período de ocupação romana.

Entre eles, um bloco granítico talhado a cinzel com encaixes que identificámos como relacionados com suporte de prensa em madeira associada a lagar de vinho (vid. Foto 15).

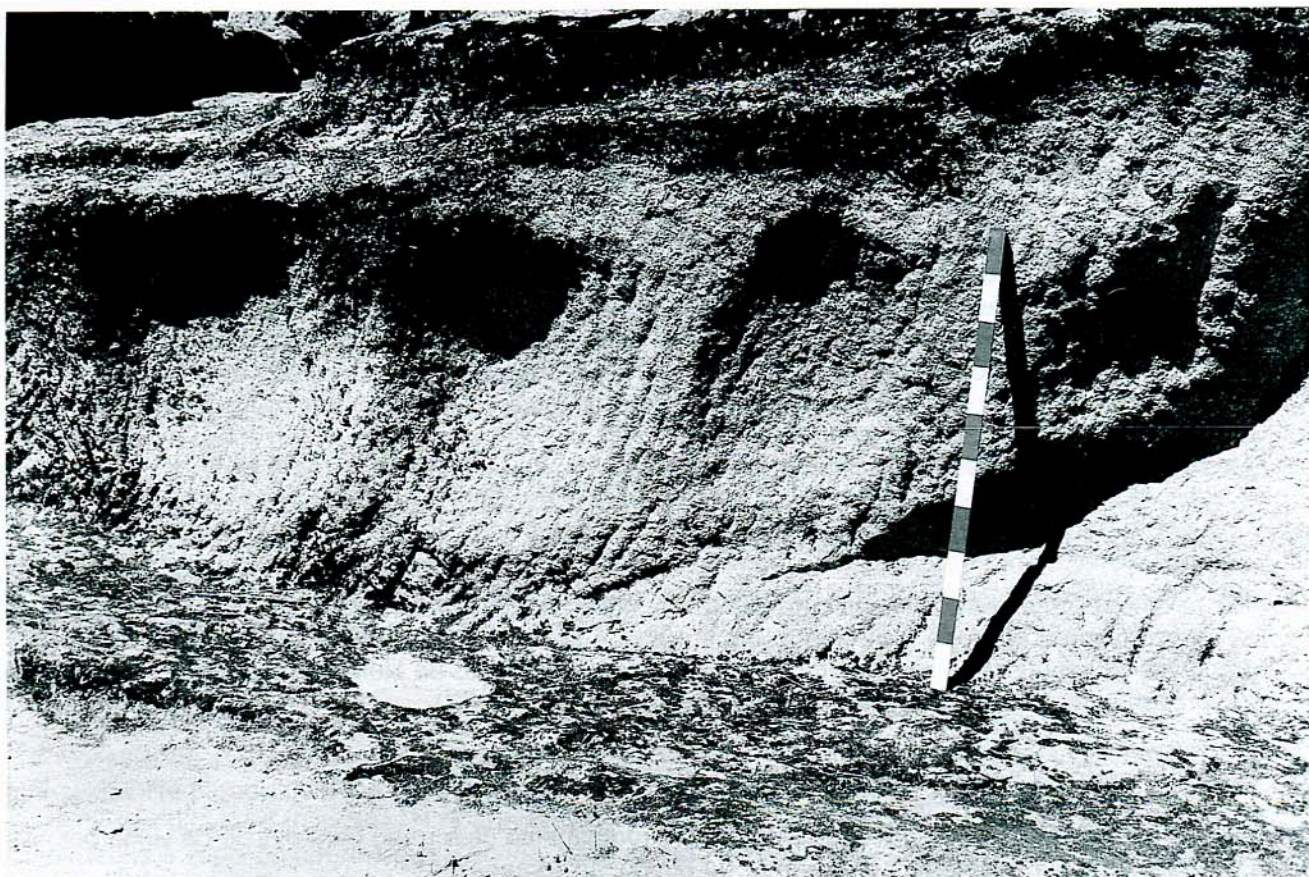
#### 18. Peso de lagar de prensa no sítio do ZIMBRO II

No sítio do Zimbro II, numa propriedade pertencente ao Senhor Dr. Jacinto Abrunhosa de Vasconcelos, foi registado um peso de lagar de formato hexagonal e encaixes identificados como base de suporte de prensa em madeira, associado a lagar de vinho.

Encontrava-se deslocado e fora do contexto arqueológico. Na área ocorrem inúmeros vestígios arqueológicos do período de ocupação romana.



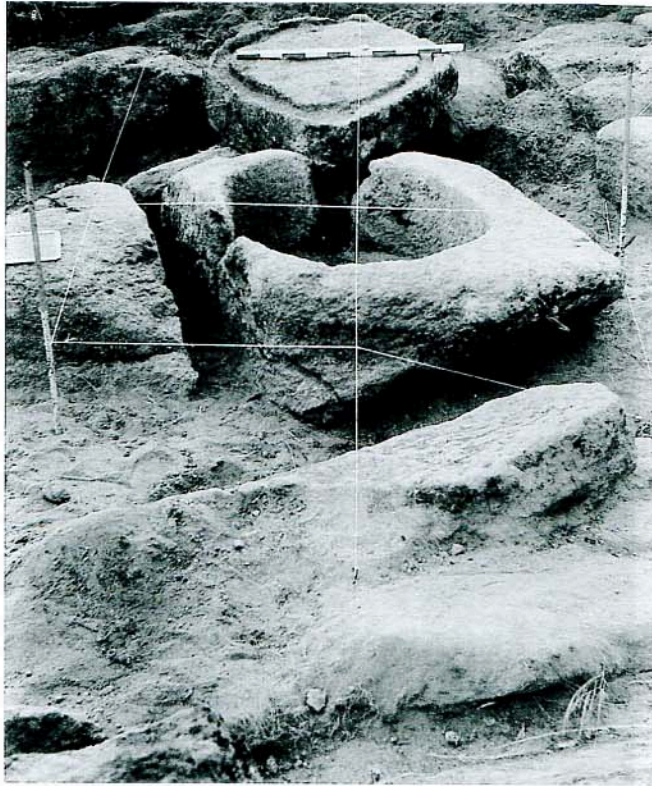
Foto 1 – Lagar do RUMANSIL I (n.º ref.º 1)



**Foto 2** – Concavidades na rocha granítica executadas para encosto de “dolia” de vinho (sítio do RUMANSIL I)



**Foto 3** – Lagareta em xisto do RUMANSIL I (n.º ref.ª 2)



**Foto 4** – Lagareta da COLODREIRA (n.º inv. 3)



**Foto 5** – Peso de lagar da VENDADA I (n.º ref.ª 6)



Foto 6 – Peso de lagar dos ESCORNA BOIS II (n.º ref.º 7)



Foto 7 – Lagareta da MELA (n.º inv. 8)



Foto 8 – Lagareta da PAINOVA II (n.º ref.º 9)



Foto 9 – Lagareta das REGADAS (n.º inv. 10)



Fotos 10 e 11 – Lagaretas do LARANJAL I (n.º ref.ª 13)



Foto 12 – Lagar das AMOREIRINHAS (n.º ref.º 15) vendo-se, na lateral os encaixes para a prensa

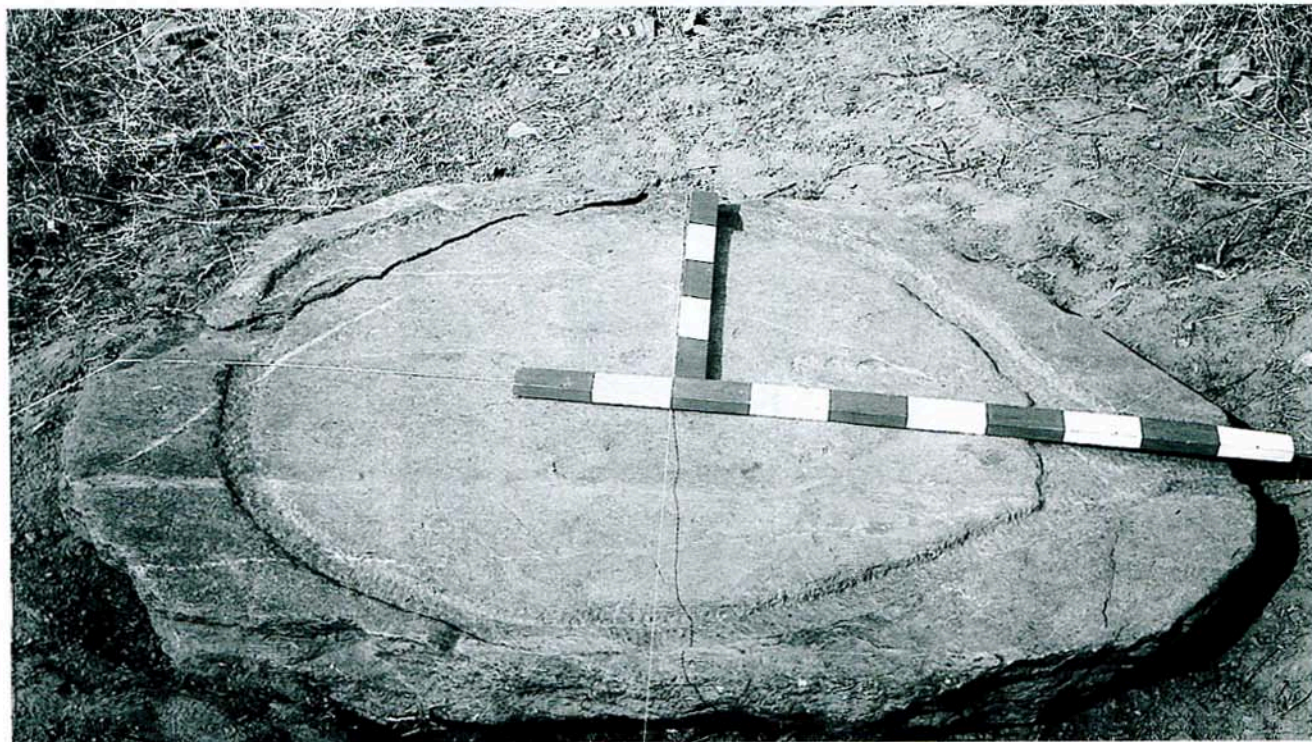


Foto 13 – Lagareta da CARVALHA/AMEIXOEIRAS (n.º inv. 16)



**Foto 14** – Lagareta da CARVALHA/AMEIXOIRAS, actualmente no Museu da Casa Grande, associada a um dolium romano exumado no sítio arqueológico do ZIMBRO II



**Foto 15** – Pedra de suporte de prensa da FIGUEIRA PRETA (n.º ref.ª 17)

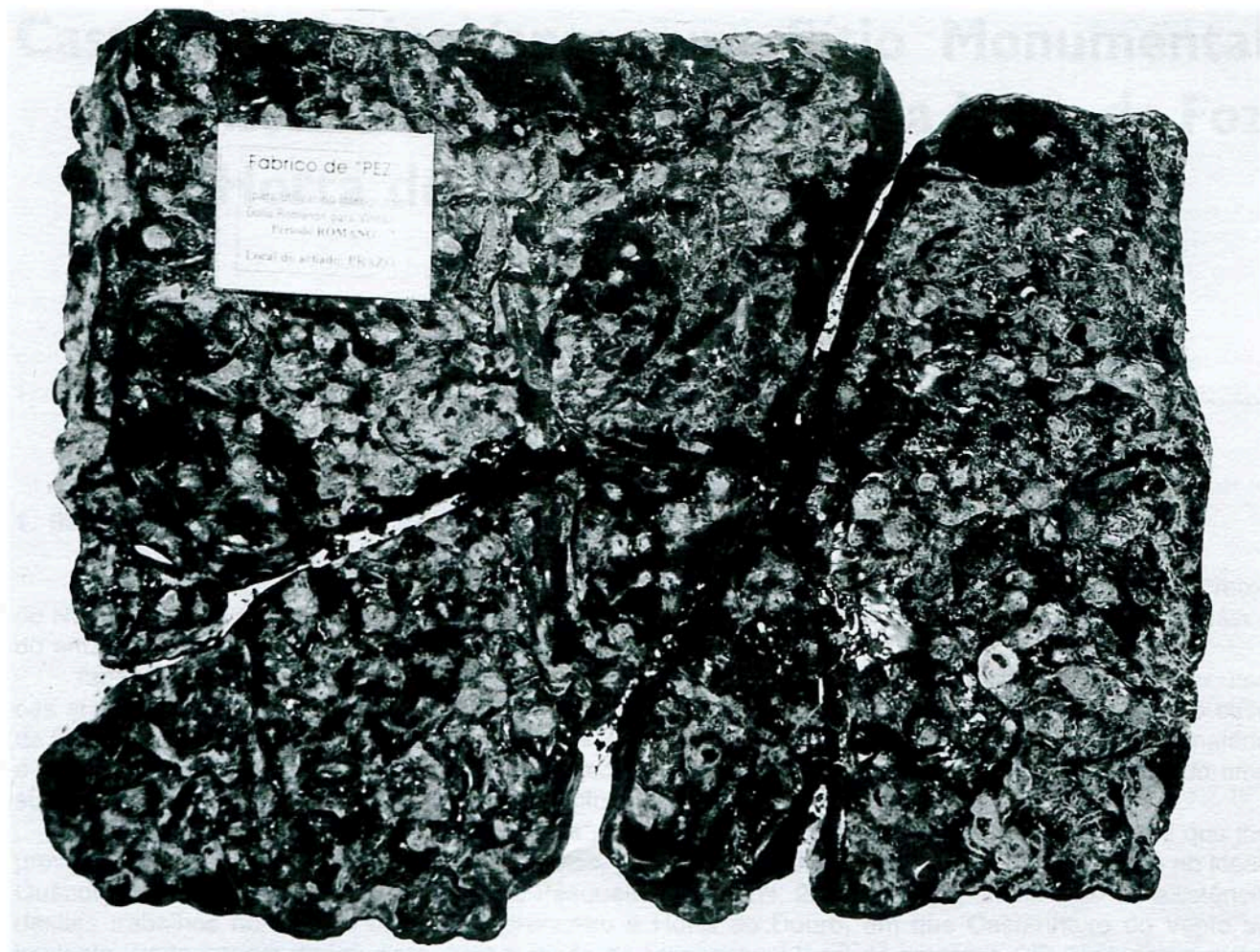


Foto 16 – Bloco de pez exumado no sítio do PRAZO (Freixo de Numão)  
na campanha de escavações arqueológicas do ano 2001